



BRAZIL — AQUEDUCTO DA CARIOCA.

O AQUEDUCTO da Carioca no Rio do Janeiro é uma obra que pelas suas proporções e execução merece a qualificação de monumental. Começaram os trabalhos de sua construção no governo de Ayres de Saldanha Albuquerque, concluindo-se no anno de 1740. Os materiaes foram remettidos de Portugal, o que augmentou de certo a difficuldade e custo do aqueducto; mas nada se poupou em ordem a erigir uma fabrica digna de equiparar-se ás mais excellentes que n'este genero possui a Europa.

Começa o aqueducto da Carioca na montanha do Corcovado, medindo em comprimento até ao reservatorio, ou mãe d'agua, perto do convento de S. Antonio, cêrca de seis milhas.

A gravura representa a parte do referido aqueducto, em que elle se ostenta com mais elegancia sobre formosas arcadas.

Rocha Pita diz ser «fama acreditada entre seus naturaes (os do Rio do Janeiro) que esta agua faz vazes suaves nos musicos e mimosos carões nas damas.» Ignorâmos as razões em que se fundou o insigne chronista da America portugueza para avançar tão extravagante proposição. Mas sejam quaes forem as virtudes e qualidades das aguas da Carioca, o que é certo é que a conclusão do aqueducto foi de incontestavel vantagem para os habitantes da cidade de S. Sebastião, que até essa epocha se viam obrigados a abastecerem-se d'agua conduzida de enorme distancia.

Os IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

XXV.

Diligencias da Grã-Bretanha e da França para fazer annullar o tratado de 8 de julho de 1833: revollas nas provincias: novo tratado entre a Porta e a Russia: lueta de influencias estrangeiras na côrte do sultão: prosegue este nas suas reformas: expedição e tomada de Trípoli: tentativas mallogradas sobre Tunis: desordens interiores, e viagem do sultão: descobre se uma conspiração para assassinar o soberano: tratado de commercio da Turquia com a Inglaterra e com a França: guerra entre o vice-rei do Egypto e o sultão: batalha de Nézib: morte de Mahmoud II.

O TRATADO de 8 de julho de 1833, concluido entre a Russia e a Porta, conservou-se occulto até setembro seguinte. Foi então que a Grã-Bretanha e a França puderam descobrir as principaes clausulas d'aquelle acto, que no entender de ambas destruía a independencia politica do imperio ottomano, pois que facultava ao gabinete de S. Petersburgo a intervenção nos negocios interiores da Turquia, todas as vezes que a ordem publica fosse alterada. Agora que viam o resultado do abandono em que deixaram o sultão, quando o cercavam maiores perigos, uniram os seus esforços para fazer annullar o tratado.

Tendo obtido do governo turco uma copia official do tratado, os ministros inglez e francez procuraram por meio da analyse dos seus artigos intimidar o sultão sobre as consequencias futuras de semelhante passo. Porém, apesar da verdade que havia nas palavras dos dous embaixadores, Mahmoud II, que não tinha razões, ou direi melhor precedentes, para confiar na sinceridade, efficacia e solidez de uma alliança com a França e Inglaterra, recusou-se a annuir ás pretensões d'estas potencias. Mas nem por isso desistiram ellas do seu empenho, antes duplicaram as diligencias.

A correspondencia diplomatica entre os quatro gabinetes era cada vez mais activa. A energia e azedume, que appareciam em todas as notas das duas potencias occidentaes, e os preparativos bellicos, que se faziam nos seus portos, causavam serios receios pela duração da paz. Todavia estes meios empregados para desfazer a alliança russo-ottomana falharam inteiramente, e não passaram de ameaças sem effeito. O tratado ficou vigorando, e a Grã-Bretanha e França viram-se obrigadas a limitar os seus cuidados e trabalho á neutralisação dos effeitos d'aquelle tratado, quando se apresentasse ensejo favoravel.

Ainda estava recente a idéa dos perigos, que ameaçaram o imperio; ainda os desastres da guerra estavam actuando sobre a industria do paiz e sobre o thesouro do estado, quando a rebellião tornou a levantar o collo. A Servia foi a primeira a revoltar-se. A Bosnia e a Albania seguiram de perto o seu exemplo.

Enfraquecido pelas consideraveis perdas, que soffrêra durante a ultima lucta; desconsiderado mesmo no interior por todo o seguimento da campanha, pelo modo por que a terminou, e pelas condições humiliantes a que se sujeitou para com a Russia, o gabinete ottomano não se achava em circumstancias de vencer pela força as provincias insurreccionadas. Era arriscado recorrer á intervenção russiana, além de que esse passo, excitando o ciúme da Grã-Bretanha e da França, traria consigo graves complicações para a Turquia. O sultão, apreciando devidamente um tal estado de cousas, resolveu transigir com os revoltosos.

Accommodou a Servia, reconhecendo o principe Milosch, seu hospodar, como independente durante o espaço de cinco annos, e isentando-a de contribuições, excepto de um pequeno tributo annual. A Bosnia e a Albania entraram tambem na ordem por meio de algumas concessões.

D'est'arte se livrou Mahmoud II de conflictos nas suas relações externas; entretanto os acontecimentos que acabavam de ter lugar serviram de fundamento aos governos francez e inglez para renovarem as suas reclamações contra o tratado de 8 de julho de 1833.

O imperador Nicolau, reconhecendo a necessidade de ceder alguma coisa para captivar a gratidão de Mahmoud II, e assim neutralisar as diligencias empregadas pela França e Inglaterra para afastar a Turquia da alliança russiana, apressou-se a concluir um novo tratado com o sultão, pelo qual lhe fazia cessão de uma parte avultada das indemnisações da guerra, que a Porta ainda devia á Russia. E além d'isto promettia effectuar quanto antes a evacuação da Valaquia e da Moldavia.

Não obstante estes arranjos continuaram as intrigas diplomaticas em grande escala. As duas potencias occidentaes não se decidiram a interpor o recurso das armas n'esta questão, que consideravam, e que realmente era, de tamanha importancia para o equilibrio europeu. Mas encetaram na cõrte do sultão uma lucta de influencias com a Russia, lucta por-

fiosa e tenaz, que acarretou sobre o imperio turco consequencias bem fataes. Cada um dos contendores conseguiu formar no seio do divan um partido favoravel aos seus interesses e politica, e, como succede sempre em taes casos, a nação não tardou em dividir-se nas mesmas parcialidades. A diplomacia britanica e franceza apoiavam-se nos partidarios das reformas, e procuravam por todos os meios ao seu alcance obter impulso e dar vigor ao novo systema, como ao mais poderoso elemento contra as ambições moscovitas. Os agentes do czar, chamando a si os inimigos das innovações, excitando-os e auxiliando-os na sua opposição a toda a casta de melhoramentos sociaes, organisavam uma resistencia vigorosa contra a vontade do sultão, desconceituavam a sua auctoridade, faziam suspeitos a todos os bons musulmanos o seu amor de patria e o seu respeito pelo alcorão, e erguiam uma elevada barreira diante das influencias occidentaes. Assim no meio d'esta lucta, em que se iam gastando e amortecendo todos os instinctos generosos do povo, foram-se desenvolvendo muitos elementos de dissolução do imperio.

As condições da paz, que poz termo aos triumphos de Ibrahim pachá, pezavam no animo do sultão, que lhe pareceu haver concedido muito ao vassallo rebelde, e tambem tinham desagradado a Mehemet Ali, que julgava ter alcançado ainda pouco da posição vantajosa em que a sorte das armas o collocára. Portanto, olhando-se reciprocamente com desconfiança e má vontade, armavam-se e dispunham-se para a primeira occasião, que se lhes offerecesse de poderem obter a reparação, que desejavam. Em maio pois de 1834 rebentou na Syria uma insurreição contra o dominio egypcio, e Mahmoud II, querendo aproveitar-se d'este ensejo, que favorecia os seus intentos, fez marchar um exercito de mais de sessenta mil homens, destinado a desapossar Mehemet Ali d'aquella provincia. Porém a Inglaterra, a França e a Austria conseguiram fazel-o mudar de resolução.

N'este mesmo anno creou o sultão uma nova milicia, composta de varios regimentos organisados, instruidos e disciplinados segundo o melhor systema europeu. E tambem regularisou as relações exteriores do imperio, creando legações permanentes nas principaes cõrtes da Europa, e procurando homens habéis para o representarem. Por esta occasião foi mandado embaixador para Paris Reschid pachá, que tão distinctamente tem figurado na historia contemporanea da Turquia.

Em 1835 apprehendeu Mahmoud II restabelecer a sua auctoridade em Tripoli, cujo beyse havia subtrahido quasi inteiramente á suzerania do sultão. Era este um negocio de alta consideração politica, não tanto pela importancia de Tripoli, como pela dupla conveniencia de ter entre o Egypto e Argel um posto militar, que obstando ás invasões dos francezes para aquelle lado da costa africana, servisse de atalaia para vigiar os movimentos de Mehemet Ali.

Aproveitando-se o sultão da guerra civil, que lavrava n'aquella regencia por causa da successão, disputando encarniçadamente o poder um irmão e um filho do defunto bey, enviou uma esquadra com tropas de desembarque, que se apoderaram da cidade sem difficuldade.

Em 1836 e 1837 fez a Porta iguaes tentativas sobre Tunis, que tambem havia saecudido o jugo ottomano. Porém o governo francez, conhecendo este designio, mandou immediatamente uma esquadra vigiar de perto os movimentos da armada turca, e assim frustrou a premeditada empreza.

Durante o curso d'estes dous annos tiveram lugar algumas insurreições, mais ou menos graves, em dif-

ferentes provincias do imperio; e tambem o sultão levou a effeito uma viagem pelo interior do paiz com o fim de inspecionar o estado de defeza em que se achava, e de se informar exactamente do modo por que se administrava justiça ao povo. Mahmoud II visitou as praças de Varna, Chumla, Silistria e Roustchouk, e por toda a parte, onde se dirigiu, inspecionou os estabelecimentos publicos, recebeu e ouviu benevolamente as pessoas de todas as condições, que pretenderam dirigir-lhe supplicas ou queixas. Por esta occasião praticou muitos actos de justiça e de generosidade, ordenou algumas fundações de utilidade, e fez proceder a muitos melhoramentos nos diversos ramos da administração publica.

Pouco depois do seu regresso á capital descobriu-se uma conspiração, que tinha por fim assassinal-o, e incendiar os arrabaldes de Pera e Galata, residencia dos estrangeiros e dos subditos christãos do grão-senhor.

Duas sabias medidas fizeram memoravel o anno de 1838: a nomeação de uma commissão encarregada de procurar os meios mais conducentes ao desenvolvimento do commercio, da industria fabril, e da agricultura; e a confecção de um codigo civil e criminal de accôrdo com as novas reformas e com as necessidades publicas. Até ali toda a jurisprudencia ottomana se encerrava exclusivamente no alcorão.

Em agosto d'este anno concluiu a Grã-Bretanha um tratado de commercio com a Porta, cujas clausulas um artigo especial fazia extensivas ao Egypto. Logo depois foram concedidas á França as mesmas vantagens.

A conclusão d'este tratado significava um triumpho obtido por estas duas nações sobre a influencia russiana; todavia o imperador Nicolau tinha conseguido formar no divan um partido seu tão forte, que não tardou a readquirir no gabinete ottomano o antigo ascendente.

O omeço de 1839 foi assignalado por grandes preparativos militares em todo o imperio. A actividade com que se tratava de augmentar o exercito e a marinha, e a pressa com que se fortificavam as praças fronteiras da Syria, faziam recer o proximo rompimento da guerra com o vice-rei do Egypto. Mehemet Ali, continuando a recusar-se ao pagamento dos tributos devidos á Turquia, negára-se tambem a sujeitar-se ao tratado de commercio concluido entre o sultão, a Grã-Bretanha e a França. Em breve se acharam pois os exercitos turco e egypcio em presença um do outro, o primeiro commandado por Hafiz pachá, e o segundo por Ibrahim pachá. As negociações diplomaticas obstaram porém durante alguns mezes ao rompimento das hostilidades.

A Inglaterra, a Russia e a França trabalharam assidua e energeticamente n'estes arranjos, mas sempre em sentido contrario, movidas por interesses oppostos. Ao principio o gabinete britanico, com o intento de fazer vigorar no Egypto o tratado que tanto favorecia o commercio inglez, excitou o sultão contra o vice-rei; e a Russia por conseguinte empregava toda a sua influencia para a conservação da paz. Depois, como os esforços da França para trazer Mehemet Ali a um accôrdo pacifico fossem apresentando probabilidade de bom exito, o imperador Nicolau, mudando de politica, impellia o grão-senhor para a guerra, e promettia-lhe todo o auxilio de que precisasse para vencer o vice-rei do Egypto. Então a Inglaterra voltou as suas diligencias para impedir a lucta a todo o custo, e unida á França declarou ao sultão, que as esquadras franceza e ingleza estorvariam qualquer conflicto entre as armadas turca e egypcia.

Foram porém baldadas todas as tentativas para a paz. Algumas leves escaramuças deram começo ás hostilidades, e logo em seguida teve logar a batalha de Nézib, em que os ottomanos foram completamente destroçados, deixando no campo sete a oito mil homens entre mortos e prisioneiros, mais de cem peças de artilharia, e todas as bagagens e munições.

Mahmoud II não chegou a receber esta triste nova. Quando entrou em Constantinopla o portador da noticia, já aquelle soberano tinha fallecido, victima de graves padecimentos de entranha, cujos progressos tinha ultimamente occultado a quantos o rodeavam, de maneira que a sua morte causou na corte e no paiz tanta surpresa quanta consternação. Viveu pouco mais de 54 annos, e reinou 31.

Uma intelligencia não vulgar; um espirito recto, cheio de benevolencia e humanidade; vontade energica de praticar o bem; singular firmeza e perseverança em todas as empresas; coragem no meio dos perigos; muita presença de animo para supportar os infortunios; muitas virtudes privadas; todas estas qualidades collocaram a Mahmoud II entre os mais excellentes principes e os mais distinctos soberanos da raça de Osman.

As suas reformas assignalaram uma epocha inteiramente nova para os povos, cujos destinos dirigiu. Se essas reformas poderão salvar o imperio ottomano, ou se pelo contrario lhe abreviarão a existencia, é uma questão grave, que não pode ser tratada de leve, pois que é necessaria uma justa apreciação de mil circumstancias differentes, e ainda assim ficará dependente, a meu ver, de que o futuro a resolva. Mas o que se pode avançar sem receio é que lucrrou muito com ellas a causa geral da civilisação, e tambem que bastante ganharam já muitos povos, que a sorte das armas arremeçou para debaixo do jugo musulmano.

Vendo que o seu imperio caminhava a passos largos para o jazigo das nações, impellido em grande parte pela degeneração dos costumes, e pelo quebrantamento do espirito publico; profundamente convencido de que só uma regeneração social podia servir de alavanca ao colosso, que de dia para dia se enfraquecia e prostrava; resolveu abrigar o crescente musulmano sob a egide tutelar da civilisação europea. Se a meia lua do propheta empallideceu aos brilhantes raios de tão grande luz; se porventura se eclipsar totalmente, ainda assim restará muita gloria ao soberano, que metteu hombros a uma empresa tão grandiosa, levado de pensamentos tão nobres e generosos, e guiado por um impulso tão patriotico! E tambem alguem poderá accrescentar, que ainda quando a Turquia tenha de succumbir no meio d'essa grande lucta, que ahi está travada, ficaria para resolver outro problema: se um imperio assente sobre o islamismo e composto de elementos tão heterogeneos se podia conservar por muito tempo na presença da civilisação actual.

Portanto, qualquer que seja o curso dos acontecimentos, a posteridade ha de sem duvida fazer justiça a Mahmoud II, dando-lhe o epitheto de grande. E aquelles que quizerem julgar-o devidamente, não deverão só attender aos quilates das suas reformas, e á influencia que ellas já tem exercido na civilisação da Turquia, mas devem tambem apreciar as difficuldades que o cercaram, as resistencias com que luctou, os preconceitos que teve de arrostar, e finalmente os perigos que affrontou.

Mahmoud II legou a seu filho e successor Abdul Medjid a ardua e espinhosa missão de dar complemento á sua obra civilisadora. Mas a essa improba tarefa veiu ainda a ambição de um visinho poderoso

acrescentar maiores dificuldades e mais agudos espinhos.

Terminará pois aqui este esboço historico sobre os imperios bysantino e ottomano, para dar logar á questão do Oriente, em que se resume por assim dizer o reinado do actual soberano; questão immensamente grande de que pendem tantos interesses, em que se prendem todas as attensões, e em que estão empenhados os esforços das mais poderosas nações.

I. DE VILHEA BARBOSA.

GARRETT

AO SR. ALEXANDRE HERCULANO.

Terra da minha patria! abre-lhe o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver d'um filho.

CAMÕES. — GARRETT.

I.

EXTINCTO é tudo já: silencio triste
Succede aos echos dos eternos cantos!
Chora tu Portugal que o possuiste,
Na morte ao menos não lhe negues prantos.

Eu vi-o lá no extremo do calvario
A' cruz da redempção ir abraçar-se. . .
Como a luz a expirar no santuario,
Eu vi o grande espirito apagar-se. . .

Vi-o despir o manto dos arminhos,
Arrancando da frente as vivas flores;
Vi-o cingir a c'roa dos espinhos,
Agradecendo a Deus aquellas dores.

Vi-o grande nos dias de ventura
Erguer-se como genio da poesia!
Vi-o grande na angustia e na amargura;
Vi-o grande nas horas da agonia.

Como se lhe voltára a mocidade,
Mais e mais a meus olhos se animava! . . .
Grande, grande a crescer em magestade. . .
Um gigante a meus pés se alevantava.

Era a posteridade que se erguia,
Quando o espirito a Deus voou seguro. . .
E antes que fosse o corpo cinza fria
O vulto lhe gravava no futuro.

II.

Mestre! meu mestre! um amigo
Não vês que deixas aqui? . . .
Que viveu sempre contigo,
Que se guiava por ti. . .
Mestre! meu mestre! — Jesus! —
Eu não te tenho deixado:
Não me vês ajoelhado
Junto ao pé da tua cruz?

Já me não vês? Já não sentes
Que te sustenho esta mão? . . .
Ouves as preces, que ardentes
Brotam do meu coração? . . .
— Pois assim te perderei? . . .
Morto! morto o meu amigo! . . .
— Orphão — só tinha este abrigo,
E sem este mesmo fiquei!

Entre tanto rosto enxuto
Quem é que pode chorar?! . . .
O mundo ri do tributo
Que não se atreve a pagar!
Adeus, mestre! — adeus, adeus. . .
Eu aqui sou estranho, agora. . .
Estes zombam de quem chora,
Que aqui nem choram os teus! . . .

Minhas lagrimas ardentes
Correi, correi com fervor. . .
Vergonha sobre essas frentes
Que rirem da minha dôr!
Podem lagrimas brotar
D'um coração duro e rude;
Mas Deus negou a virtude,
Aos que não sabem chorar. . .

Oh! mestre! que desenganos!
E que mundo enganador!
Desde teus mais verdes annos
Sempre gloria e sempre dôr!
E eu nunca mais te verei
A guiar-me entre os escolhos;
Sobre esta terra de abrolhos
Que outro arrimo encontrarei? . . .

Mestre, vês, eu choro e canto:
Comtigo tudo aprendi.
Deus abençoe este pranto,
Que bem sabe o que eu perdi! . . .
Que me resta agora a mim?
Uma cruz no mundo erguida. . .
O que me resta da vida,
Senão desejar-lhe o fim?

III.

Caíu Atlante! e a lusitana gloria
De crepes se cobriu.
Porém, de pé, no pedestal da historia
O gigante surgiu!

Esustem outro mundo — um mundo immenso! —
O mundo do porvir! . . .
Que pasmado a seus pés fica suspenso
De nunca o ver cair.

Agora a patria... a patria, emfim, que acorda!
Vem com seus esquadrões.
Agora o povo. . . que a chorar recorda
As immortaes canções.

E todos vão grupar-se nas fileiras
Do cortejo final.
Cobre-o com essas pompas derradeiras,
E chora Portugal. . .

Gemem tresentos annos que passaram. . .
Eternas convulsões!
Que só depois de seculos acharam
Um cantor de Camões!

IV.

Adeus, mestre! adeus, amigo. . .
Eu fico chorando aqui.
Como não posso ir contigo,
Pedirei a Deus por ti.
Se á morada derradeira,
Não vou tambem na fileira,
Onde vão alguns dos teus:
É que não posso. . . é que o pranto
Parece que tem encanto
N'estes tristes olhos meus!

Como hei de viver agora,
Um só dia sem chorar?
Se me lembro a toda a hora
Que não tornas a voltar...
E tudo que tenho comigo
Me lembra o mestre e o amigo,
A quem sempre me encostei!...
E os conselhos que me davas...
E tudo que me ensinavas...
Tudo, tudo quanto eu sei.

Oh! que sei eu, descuidado!
Mas de que serve o saber?...
Se eu nunca tinha contado
Que me havias de morrer!...
Tinha-te quando queria...
A ti — o rei da poesia! —
A ti — rival de Camões! —
A ti — que além de ensinar-me,
Descias sempre a mostrar-me
Tuas divinas canções!

Oh! espirito sublime!
Nunca te soube pagar...
Mas a dôr que hoje me opprime
Diz-me se eu te soube amar!
Orvalhado com meu pranto,
Acceita o ultimo canto,
Que a saudade me inspirou.
Por ti amei a poesia;
Deixo-a por ti n'este dia,
Porque a luz se me apagou!

De ti nasceu, de ti vinha
O fogo que me aqueceu;
Todo em ti origem tinha,
Contigo me falleceu...
Fiquei só, frio e gelado;
Do teu genio desherdado
Ha de o discip'lo viver?
Não; recebe este holocausto:
Onde o mestre cae exaustado,
Vem o discip'lo morrer.

Eu vi-o lá no extremo do calvario
A' cruz da redempção ir abraçar-se...
Como a luz a expirar no santuario
Eu vi o grande espirito apagar-se...

Chora tu Portugal, que o possuiste,
Na morte ao menos não lhe negues prantos...
Extincto é tudo já: silencio triste
Succede aos echos dos eternos cantos...

F. GOMES D'AMORIM.

D. SEBASTIÃO O DESEJADO.

LEENDA NACIONAL.

VL

O verdadeiro ou falso Sebastião que
foi entregue em Veneza, e atormentado
em Napoles, deixou duvidas profundas
nos animos mais seguros.

A. GARRETT.

REI OU IMPOSTOR?

— « EMBORA haja eu errado, o meu erro ficará comigo.

— « Porém vós levantaes-vos contra mim, e me arguis com as minhas calamidades.

— « Entendei sequer agora que Deus não é por um juizo de justiça que me affligiu, e me feriu com os seus açoites.

— « Clamarei pois padecendo violencia, e ninguém me ouvirá: bradarei, e não ha quem me faça justiça.

— « Por todas as partes fechou o meu caminho, e não posso passar; e no meu caminho poz trevas.

— « Despojou-me da minha gloria, e tirou-me a corôa da cabeça.

— « Destruiu-me por todos os lados, e pereço; e como a arvore arrancada me tirou a minha esperanza.

— « O seu furor se accendeu contra mim, e assim me tratou como a seu inimigo.

— « Mancomunados vieram os seus salteadores, e fizeram para si caminho sobre mim, e cercaram em roda a minha casa.

— « Poz longe de mim a meus irmãos; e os meus conhecidos como estranhos se apartaram de mim.

— « Os meus propinquos me desampararam: e os que me conheciam esqueceram-se de mim.

— « Os que moravam em minha casa, e as mesmas minhas servas me reputaram como um estranho; e fui como um peregrino aos seus olhos. »

Uma voz fraca repetia estas endechas do velho Job, d'entre as paredes afumadas e grossos varões de ferro das prizões de Veneza. Os rijos cancellos d'esta mansão de infortunio, não deixavam passar pela ponte dos Suspiros, para o receptaculo de todos os vicios denominado palacio Ducal, aquelles sublimes versiculos do livro dos livros, mas iam, atravez das grades, perder-se ao longe nas aguas do Adriatico.

O homem, que assim dava saída a seus pezares com resignação christã, era o mesmo a cuja prizão assistimos na côrte Contarina: encerrado a principio em uma gaiola de ferro, e transferido depois para o calabouço onde acabámos de o ouvir, o desgraçado vira escoarem-se-lhe setecentos cincoenta e tres dias de vida entre os horrores do carcere, até este em que de novo o encontrámos, que é a 16 de dezembro de 1600. No mesmo lugar, duzentos vinte e um annos depois, outro martyr do despotismo, o celebre Silvio Pellico, encarava como este os males presentes e o aspecto de mais temivel futuro, colhendo tambem forças para soffrer na consoladora leitura da Biblia.

A porta da prizão acaba de se abrir, e um homem alto, magro, de olhos encovados, nariz comprido e cabellos grizalhos, parando no limiar, solta estas palavras com voz rouca:

— « Marco Tullio Catissoni, pescador calabrez? »

Ao ouvir este nome, que diziam ser o seu, o prisioneiro lançou um olhar de desprezo para quem o proferira; calou por um momento; depois fez um gesto entre resignado e despeitoso; por fim, abaixando a cabeça, resolveu-se a responder:

— « Eis-me aqui. »

— « Acompanha-me. »

O carcereiro deu alguns passos para fóra da prizão, e o pobre encarcerado, seguindo-o, julgava acompanhar o algoz; porém não se atreveu a perguntar para onde o conduziam. O agourento cerbero fechou e ferrolhou o calabouço, e sem dizer uma só palavra guiou o prezo por um extenso corredor, na extremidade do qual havia uma ampla quadra, occupada n'esta occasião por alguns esbirros: chegados ahí, um dos sayões, vestido de negro e mascarado, como era de uso entre os familiares da inquisição d'estado, se apoderou do supposto calabrez,

e conservando o mesmo silencio, saíu com elle para a ponte dos Suspiros.

D'ahi a pouco o prisioneiro achou-se á porta de uma sala, cuja mobilia o encheu de terror: era o logar dos tractos! Cruzando por entre estes instrumentos de martyrio, entrou em outra sala, com apparencia de tribunal; ahi o deixaram só.

Já o desgraçado calculava com horror qual seria a nova ignominia por que o fariam passar, quando um homem revestido com a toga de senador, veiu a elle com os braços abertos: no recémchegado conheceu logo o honrado Marco Quirini, um dos quatro juizes deputados para o julgarem, e que sempre lhe mostrára a mais decidida affeição; o infeliz não poudes suste as lagrimas, e balbuciou estas palavras:

— «Vão matar-me; e eu que não posso paten-tear-vos a minha gratidão!...»

— «A justiça da vossa causa,» atalhou Quirini, «me fez interessar por vós; porém baldados foram os meus esforços para vos restituir a liberdade, quando ha dous annos, em publico exame, se acharam no vosso corpo todas as marcas naturaes, que, na côrte de Lisboa, se dizia ter D. Sebastião; o senado decidiu que só reclamado por um principe rei-nante serieis entregue.»

— «Oh! meu Deus! E nenhum até hoje se lem-brou...»

— «Um, senhor: o principe d'Orange, chefe das Provincias-Unidas, acaba de enviar por seu embaixador a Veneza o portuguez Sebastião Figueira, com o fim de vos requisitar.»

— «E então?»

— «O senado me encarregou de vos intimar a sua final sentença.»

— «Ah!... dizei... dizei... seja qual fôr!»

— «Em vinte e quatro horas saíreis da cidade de Veneza; e em tres dias fora do territorio da republica.»

— «Oh! meu amigo, ainda serei feliz!»

— «Podeis partir. O céu vos restitua o que legitimamente vos pertence.»

Abraçaram-se suffocados em lagrimas, e deram-se o ultimo adeus. O prezo tornou a aspirar livremente o ar de uma grande cidade.

Entretanto reunia-se em casa de Pantaleão Pessoa um respeitavel conselho de portuguezes illustres, a que presidia D. Christovão, filho do prior do Crato.

Este principe generoso viera á Italia advogar ante o papa e a *Senhoria* a causa do captivo de Veneza, tendo largado o titulo de rei de Portugal desde o momento em que chegou a París, aonde residia usualmente, a noticia de ter apparecido D. Sebastião. Os outros congregados eram, além de Pantaleão, e de Antonio de Brito, seu hospede effectivo, os seguintes cavalleiros e letrados: D. João de Castro, que fôra e continuou a ser o mais constante defensor do prezo, seu conselheiro leal e valido desinteressado; Fr. Estevão Caveira, ou, como vulgarmente lhe chamavam, o doutor Sampaio, homem respeitado por seu muito saber; foi elle quem solicitou em Lisboa os signaes de D. Sebastião, e que exigiu em Veneza o exame publico do corpo do encarcerado; para verificar a identidade da pessoa: mas estes servigos não lhe alcançaram a confiança do rei (se era um rei, o prezo) que antepoz a uma roupeta de dominico um sayo de cavalleiro; e o frade parecia despeitoso contra D. João e contra seu amo, com quanto tentasse encobri-lo; Manuel de Brito d'Almeida, velho de bom conselho, e que sempre acompanhou o prior do Crato D. Antonio;

Diogo Manuel, cavalleiro de primor; Rodrigo Marques, e Sebastião Figueira, doutos e leaes portuguezes; e Fr. Chrysostomo da Visitação, monge de Cister.

Era Figueira que fallava, no momento em que chegámos á casa da ponte de Paglia, e dizia assim:

— «É hoje o dia marcado pela *Senhoria* para dar resposta á embaixada de que me encarregou Mauricio de Orange: «Sabbado tereis a nossa decisão,» me disse o doge, em presença do senado. Serei pontual, vou recebê-la.»

E saudando a assembléa, ia a saír, mas recuou, dando um brado de espanto e de alegria... Um homem assomára ao limiar da porta.

O novo personagem era de estatura ordinaria, magro, cabello castanho escuro, pouca barba, e bigode, tudo da mesma côr; testa espaçosa, e olhos, apesar de encovados, de uma viveza extraordinaria; nariz comprido, bôca regular, e pé muito pequeno. Além d'estas feições geraes, via-se que o seu labio inferior era mais grosso e descaído do que o superior, o braço e a perna direitos mais compridos que o braço e perna esquerdos. Trajava uma roupeta comprida de seta, forrada de pelles, e gorro de veludo preto já bastante coçado.

Quasi toda a companhia o conheceu immediatamente, mas o sobresalto causou um turpor geral; foi Estevão Caveira quem primeiro rompeu o silencio com uma allocução latina, como convinha a um doutor de Bolonha:

— «*Vidinus eum et non erat aspectus!*» (1)

— «El-rei!» clamaram todos os mais congregados a um tempo, correndo a beijar a mão ao recémvindo.

— «Meus amigos, meus leaes vassallos,» lhes tornou elle com voz pouco clara, mas boa pronuncia portugueza, «eis-me outra vez entre vós!»

D. João, Pessoa, Figueira e Pimentel, que eram ainda jovens na occasião da fatal jornada de Alcaerquibir, não tinham olvidado a physionomia de D. Sebastião; e Diogo Manuel, mais moço ainda, ouvira a seu pae descrever a figura do rei com tão vivas côres, que para logo julgou reconhecê-lo no chamado Marco Tullio calabrez. O enthusiasmo d'estes cavalleiros não pode descrever-se.

Depois de uma effusão de congratulações, offertas e agradecimentos, convencionaram que o rei passaria aquella mesma noute em uma gondola para Padua, dirigindo-se por Florença a Leorne, onde embarcaria para passar á França, que iria disfarçado com um habito monastico, e acompanhado por um só dos congregados, para afastar suspeitas.

Deram-se pressa a escolher o commissionado, e a eleição recaiu em Fr. Chrysostomo da Visitação.

Fatalidade!...

VII.

Lady Macbeth: És tu um homem?
Macbeth: Sou; e um homem tal, que encara a sangue frio o que seria capaz de espantar o demonio.

W. SHAKESPEARE.

TINHA DE SER!

O seculo 16.^o fechára o seu curso; e despontava no oriente o primeiro dia do seculo 17.^o, vendo escravizado Portugal, e perseguido esse homem, que tantos nobres guerreiros e sabedores reconheciam por seu

(1) Esta allocução é copiada textualmente de uma obra de D. João de Castro, sobre o assumpto, d'oude tambem se tirou fielmente o retrato de D. Sebastião, e mais accessorios d'este quadro.

legítimo soberano. Antes porém de atar o fio da nossa narração, permitta-nos o leitor que, collocados no ponto de intercepção d'estas duas grandes epochas, as comparemos em relação ao nosso paiz.

Quando alvoreceu o seculo 16.^o, viu a India e o Brazil descobertos já por nossos navegadores, a costa d'Africa explorada pelos portuguezes, e muitas ilhas do Oceano reconhecendo o nosso senhorio, mas estava ainda longe a nossa preponderancia como primeira nação commercial e maritima; foi durante o seu imperio que Affonso de Albuquerque sujeitou ao sceptro de D. Manuel os mais longiquos paizes; foi, como consequencia necessaria dos grandes feitos de nossos cavalleiros em além-mar, que o commercio, então confiado aos mercadores venezianos, tomou nova direcção, e os galêes portuguezes, vencendo os medos e as borrascas do cabo das Tormentas, as correntes de Natál e Zanguebar, as traições de Mombaça e Calecut, iam levar á India e á China o vinho e o azeite de Portugal, os pannos finos de Inglaterra e Castella, tafetás e sedas de Toledo, acolchados de Napoles, veludos de Genova, damascos de Lucca, sarjas e luvas de Valencia, vidros de Veneza, vasos de Florença, lãs de Flandres, marlotas de Constantinopla, e outros mil objectos europeus; para voltarem a Lisboa, onde os aguardava o levantino, o genovez e o judeu, com seus saquiteis prenhes de ouro, e que a trôco de numerario iam abastecer a Europa de cravo das Molucas, noz de Banda, pimenta e gengibre do Malabar, canella de Ceylão, ambar das Maldivas, sandalo de Timor, beijoim do Achiem, tecas de Cochim, anil de Cambaya, pau de Solor, cavallos da Arabia, alcatifas da Persia, sedas, damascos e porcelanas da China, estofos de Bengala, perolas de Kalckar, diamantes de Narsinga, rubis do Pegú, ouro de Sumatra e prata do Japão!... Porém, que nos restava d'esses lucros e d'essa gloria no seculo 17.^o? Apenas a recordação do que fomos, do que soubemos e pudemos! Os logares donde se hasteavam as santas quinas na Africa, na Asia, na America e na Oceania, salteados por ismaelitas e protestantes, perdiam-se successivamente para Portugal; e na Europa mesmo o nosso nome era riscado da lista das nações independentes. Ser portuguez já não era um titulo glorioso, e os mais nobres caracteres d'esta terra vagueavam errantes pelo mundo, mendigando o pão do estrangeiro. No pequeno quadro que apresentámos aos leitores se entrevê a nossa desastrosa queda.

Raiára o dia 1.^o de janeiro do anno 1601 da Redempção. Florença, o jardim da Toscana, não ostentava então suas galas naturaes, seus perfumes balsamicos, porque a estação ia fria e chuvosa: era uma formosa mulher, trajando roupas de luto; porém a torre da cathedral ainda elevava até ás nuvens seu campanario soberbo, as portas do Paraizo ainda lá pousavam seguras ao Baptisterio; o viajante tinha ainda para admirar as maravilhas artisticas espalhadas com mão larga pelos Medicis sobre aquelle solo abençoado, e mesmo ver o Arno, açoutado pelo sueste, debater-se e susurrar como opprimido entre as arcadas de marmore da ponte della Trinitá.

Sobre esta ponte, concluida de pouco, passeava um monge de Cister; depois de examinar vagarosamente as estatuas do estio, outono e primavera, que ali se vêem primorosamente lavradas, demorou-se largo tempo a contemplar a do inverno, como buscando a analogia entre a obra do cinzel e a obra de Deus, que em toda a sua magestade se lhe desenrolava ante os olhos; algumas vezes interrompia o exame para seguir com a vista a estrada de Pisa, como que aguardando alguém, e logo voltava á estatua.

Um frade dominico appareceu na margem do rio, e foi este o signal para o bernardo concluir a sua analyse artistica e philosophica; correu a encontral-o, e travaram ambos rapida conversação.

Nenhum leitor deixará de ter conhecido n'estes personagens os respeitaveis e mui sabedores theologos, Fr. Estevão Caveira e Fr. Chrysostomo da Visitação.

— «Domine doctor,» proferiu o cisterciense ao aproximar-se do dominico, com as mãos cruzadas no peito, e a hypocrisia pintada no rosto.

— «Que tendes feito?» atalhou o doutor Sampaio.

— «Tudo,» foi a resposta do primeiro.

— «Tudo!?... Contae-me isso.»

— «Escutáe.»

Aqui o bernardo lançou os olhos em derredor, examinando se alguém se avisiuhava; por cautella, chegou-se mais para o outro frade, e fez em voz baixa a sua infame narração.

— «Chegado a Florença,» disse elle, «em companhia do nosso homem, fui alojar-me, como era natural, em um mosteiro da ordem do meu padre S. Bernardo; introduzi na minha cella o miseravel peregrino, e, como tinhamos ajustado, fui logo denunciado ao arcebispo de Pisa, ministro do grão-duque Francisco. As ordens para a captura foram immediatamente passadas, e no dia 29 de dezembro, quando Marco Tullio me protestava a sua eterna gratidão, sentiu-se agarrado pelos esbirros, que á força o arrastaram para a prizão... Depois não tornei a vê-lo, mas consta-me que está a bom recado.»

— «Nem Judas Iscariotis o faria melhor!... Agora, sr. D. João de Castro,» proseguiu com riso diabolico o frade de S. Domingos, «sêde ministro, conselheiro e privado de D. Sebastião.»

Uma pouca de inveja fizera um traidor do homem, que primeiro buscou salvar o prezo de Veneza, que tanto trabalhou n'esse sentido! Era frade e corteção, e tinha muito de ambas as cousas. Porém que admirava uma aleivosia em Estevão Caveira? O vencedor de Diu não esmigalhou as palmas de tão glorioso cêrco, sob alguns punhados de ouro castelhano? A raça portugueza abastardeava-se sem remedio.

— «Que nos resta pois a fazer n'esta cidade?» perguntou o frade de Alcobaça.

— «Nada,» tornou Sampaio. «Partir já, para não encontrar os cavalleiros que deixei em Bolonha, e que amanhã devem estar aqui. A caminho, e em Madrid receberás os mil ducados promettidos pelo embaixador de sua magestade catholica em Veneza, D. Francisco Vêras de Aragão.»

— «Seja por caridade!» resmungou Fr. Chrysostomo, e seguiu a Fr. Estevão, que, a largos passos, se afastava da ponte.

No outro dia chegaram a Florença os amigos do perseguido; julgue-se do seu espanto sabendo da captura do verdadeiro ou falso D. Sebastião, e do desaparecimento dos frades. D. João de Castro conheceu então que eram razoaveis as suspeitas que concebêra da fidelidade de Sampaio, depois que elle mostrára mais predilecção por elle (Castro) do que pelo prégador. Tambem lhe lembrou um successo que ouvira relatar ao prizioneiro, e que lhe não passou mais da memoria até o estampar, com a singularidade que lhe era propria, no seu *Discurso da vida do bem vindo e desejado D. Sebastião, rei de Portugal*, obra que se imprimiu em Paris no seguinte anno de 1602. Foi o caso, que achando-se el-rei recluso na prizão do Jardim em Veneza, pedira uma cruz aos seus fieis vassallos do clero, os quaes lhe mandaram um crucifixo de ouro, mas sem corda; d'on-

de concluiu o desgraçado monarcha que o seu tempo de reinar não era ainda chegado; porém D. João interpretava agora de outro modo aquella falta, e dizia: Não é dos frades que lhe virá a corôa.

Todo embebido n'estes preciosos commentarios, foi procurar Manuel de Brito, porém o honrado velho estava completamente desanimado: não via salvação possível para o rei, nem esperança para a patria.

Depois de um extenso dialogo, a que pouparemos o leitor, resolveram ir fallar ao arcebispo de Pisa, visto ser prohibido o accesso junto ao grão-duque; o ministro attendeu-os, e fez-lhes entrever alguma possibilidade de salvação.

O prelado mentia infamemente; estava comprado pelo ouro de Castella. Alguem notou com grande attenção que n'esse dia caíra um raio na bella cathedral de Florença.

Todas as illusões se desvaneceram em tres mezes. Em logar de ser entregue ao santo padre para o fazer julgar publicamente, como se dizia e era de justiça, foi abandonado aos agentes de Hespanha, e conduzido a Napoles em um dos primeiros dias de abril.

Quando o infeliz prisioneiro atravessava a praça de Santa Maria, para sair de Florença, encontrou ali os seus leaes amigos, que vinham beijar-lhe a mão pela ultima vez: proscriptos do territorio hespanhol, era-lhes defeza a entrada em Napoles, então pertencente á corôa de Castella. Os velhos guerreiros choravam... elles, de coração de ferro, como a lamina das suas boas espadas!

Dous antigos conhecidos do leitor aproveitavam esta occasião de se darem mutuamente o adeus da separação.

— « Feliz sorte, sr. Pero Pantoja; Deus vos proteja, e a vosso amo, não sendo em detrimento do meu. »

— « Ide descansado, Ayres Tinoco, que nem D. Christovão, nem esse que levae manietado, supplantarão o poder de Philippe III. »

O donzel foi encontrar-se com os portuguezes, e

Ayres Tinoco encorporou-se na comitiva hespanhola. Os conselhos do velho Fagundes não tinham achado echo no coração do bello pagem: tornado escudeiro seguiu as partes de Castella. Do covarde brotára o traidor. Sempre assim acontece.

Quanto aos honrados portuguezes, que seguiram na adversidade o homem que reconheciam por seu legitimo rei, tendo perdido a esperança de o salvar, a menos que não fosse reclamado por algum dos grandes potentados da Europa, espalharam-se pela Alemanha, França, Inglaterra e Italia, diligenciando alcançar a protecção dos soberanos. D. Christovão foi magnificamente acolhido pela rainha Isabel, mas nada pôde conseguir de positivo. Manuel de Brito e Sebastião Figueira lançaram-se em Roma, mas o pontifice negou-se a intervir na questão! O imperador não foi mais generoso, mau grado aos esforços de Pantaleão Pessoa; e D. João de Castro, o homem leal e desinteressado por convicção e por herança, aquelle que havia jurado, no conselho de Cintra, defender o rei até ao ultimo transe da vida, por todos os meios ao seu alcance, não cessou de trabalhar em Paris, porém debalde! Defendel-o com a espada na mão era impossivel: o juizo de Deus estava abolido, e a cavallaria agonisante ia ser esmagada pelo immortal livro de Cervantes. Como Sansão, o cavalleiro hespanhol fazia desabar o templo, em cujas ruinas ficava tambem sepultado. Era a vingança do genio, a mais perigosa das vinganças!

Que restava pois a D. João? Trocar a espada pela penna. Assim o fez. Dirigiu aos tres-estados do reino uma memoravel representação sobre o assumpto; publicou, entre outros, o livro que já mencionamos n'este capitulo (rarissimo hoje;) e morreu velho, pobre e proscripto, mas sem curvar a cerviz ao jugo castelhano, como cumpria ao neto do visorei incorruptivel, do grande D. João de Castro.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.



O YAK.

O YAK, ou boi com cauda de cavallo, entre todos os grandes quadrupedes da Asia era talvez o mais imperfeitamente conhecido; e comtudo o yak é um animal precioso que presta mui valiosos serviços na região em que vive; e aclimado na Europa poderia ser de utilissimo emprego na agricultura.

Considerado industrialmente o yak fornece tres sortes de productos; a clina da cauda, objecto de grande commercio no oriente; os pellos, e a lã de

que fabricam no Thibet uma fazenda muito forte, e quasi impermeavel. Os thibetinos e tartaros empregam-no como besta de carga e de tiro. A sua carne é de boa qualidade, e o leite de excellente gosto, e mui rico em materias saccharinas e caseosas.

O yak é sobrio, e vive bem nos climas mais frigidios; é manso e robusto, podendo assim tornar-se um poderoso auxiliar da agricultura, mormente nos paizes montanhosos.